



**INTELECTUAIS BRASILEIROS E AS REPRESENTAÇÕES DO
SUBDESENVOLVIMENTO: O INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS
BRASILEIROS (ISEB) NA DÉCADA DE 1950.**

Cleber F. dos Santos
Graduado em História

RESUMO: Como instituição ligada ao Ministério da Educação, no Governo Café Filho, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros teve como preocupação fundamental a busca pela superação do subdesenvolvimento brasileiro. O ISEB alcançou rapidamente em sua primeira fase, a maior repercussão nos meios intelectuais e políticos do Brasil e, mesmo na América Latina. O ISEB é descrito como uma instituição criada em 14 de julho de 1955, e inaugurado em 7 de outubro do mesmo ano, cuja finalidade é o estudo, o ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da Sociologia, da Filosofia, da História, da Economia, bem como da política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências á análise e á compreensão crítica da realidade brasileira, visando assim a elaboração de instrumentos teóricos que permitiriam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional. Assim, se atentando para a relação entre o intelectual e a circulação de representações, buscaremos nesse artigo, abordar os principais temas que desenharam a política Isebiana.

Palavras-chave: ISEB; Intelectuais; Representações do Subdesenvolvimento; Memória; Educação.

ABSTRACT: As an institution linked to the Ministry of Education, the Government Café Filho, the Superior Institute of Brazilian Studies had the fundamental concern the search for overcoming the Brazilian underdevelopment. ISEB reached quickly in its first phase, the greatest impact among intellectuals and politicians in Brazil and even in Latin America. It was the manifestation of a new thought, which critically correlated Brazilian problem with the universal. The ISEB is described as an institution created on July 14, 1955, and opened on October 7 of that year, whose purpose is the study, teaching and dissemination of social sciences, especially

sociology, history, economics, as well as political, especially for the order to apply the categories and data of these sciences to the analysis and critical understanding of Brazilian reality, so in order to develop theoretical tools that would allow the encouragement and promotion of national development. So if paying attention to the relationship between the intellectual and the circulation of representations, we will seek this "communication", addressing the main issues that drew the Isebiana policy.

Uma breve Memória do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)

Formalmente o ISEB foi constituído em 1955, a partir de estudos que vinham do final do governo Vargas, todavia o pensamento que conduziu o ISEB remonta às experiências de um grupo de intelectuais jovens que, sob coordenação de Helio Jaguaribe, em fins da década de 40, tiveram acesso, levados por Augusto Frederico Schmidt, á 5º pagina do jornal do Comércio. Elmano Cardim, então diretor e dono do jornal, cedeu ao grupo aquele espaço para se fazer uma página cultural. O movimento da 5º pagina do jornal do Comércio teve uma certa repercussão em grupos de intelectuais de São Paulo, que tinham muitas preocupações afins a um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro. Os intelectuais tanto do Rio, quanto de São Paulo, tinham contato, já no segundo governo Vargas, com o Ministro João Cleofas, que ofereceu a facilidade de encontro, para discussões periódicas, no Parque Nacional de Itatiaia. Embora tenha se institucionalizado em 1955, grande parte dos ideais e intelectuais que compunham esse grupo, remontam a década de 40, nos encontros mensais daquele que ficou conhecido como "Grupo Itatiaia".

Logo nos primeiros encontros desses dois grupos de intelectuais brasileiros, começaram, entretanto, a se acentuar as diferenças de procedência ideológica e de interesses dos dois grupos. De acordo com Caio Navarro de Toledo, O grupo de intelectuais do Estado de São Paulo era quase inteiramente filosófico, e o do Rio de Janeiro estava mais voltado para as ciências sociais, buscando analisar a realidade brasileira, como resposta ao desafio do subdesenvolvimento brasileiro. (TOLEDO, 2005, p. 32) O grupo de São Paulo era composto, praticamente, só de ex integralistas, como Roland Corbisier e Ângelo Arruda, do lado carioca, muitos do grupo provinham do trotskismo, como fora o caso de Helio Jaguaribe, esse conflito de procedências ideológicas diversas, por um lado, e de enfoque filosófico contra enfoque sociológico, por outro lado, levou o Grupo de Itatiaia a divisão, pois

predominou a posição dos cariocas.

O grupo de Itatiaia, já sem o concurso dos paulistas, tomou “uma forma institucional”, com a criação, sob a direção de Helio Jaguaribe, do IBESP (Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política²⁹⁸), instituto este que vivia de pequenas contribuições de seus próprios membros. O IBESP tinha uma revista que tinha como diretor, seu fundador, Hélio Jaguaribe, chamada de “Cadernos do Nosso Tempo”, que por sua vez discutia os mais variados assuntos pertinentes ao Brasil, todavia sua preocupação maior girava em torno da problemática do subdesenvolvimento brasileiro. Mediante diversas dificuldades financeiras, o grupo decidiu que a única forma de dar continuidade à iniciativa era converter o IBESP em instituição pública.

Foi durante o segundo governo Vargas, que o então Ministro da Educação Antônio Balbino, convencido por alguns integrantes do IBESP que havia a necessidade de se fazer no Brasil uma instituição dedicada a estudos políticos no país, solicitou aos intelectuais do IBESP, um projeto a qual constasse tal importância. O projeto fora formulado, e constava dentre as propostas, duas de maior importância para esses intelectuais,

[...] em primeiro lugar, é de suma importância para o Brasil algo como o Collégio de França ou, em termos mais próximos de nossa realidade, o Colégio de México (...), Em segundo lugar, fazer algo equivalente à PressesUniversitaires de França, uma grande editora que permitisse ao intelectual brasileiro um apropriado instrumento de difusão de idéias e o acesso a livros de alta cultura, traduzidos para o português.(TOLEDO, 2005, p.35).

Com a morte de Vargas, o Presidente interino Café Filho ao lado do então Ministro da Educação Candido Motta Filho, encantado com o projeto que havia sido formulado pelos intelectuais do IBESP, resolveu dar continuidade ao projeto. É a partir daí que nasce o Instituto Superior de Estudos Brasileiro (ISEB), com a finalidade de uma compreensão crítica da realidade brasileira.

No decreto no. 37.608, o ISEB é descrito como uma instituição criada em 14 de julho de 1955, e inaugurado em 7 de outubro do mesmo ano, "cuja finalidade é o estudo, o

²⁹⁸O Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), publicou cinco edições na Revista “*Cadernos de Nosso Tempo*”, entre os anos de 1953 e 1955. Por meio dos *Cadernos*, estes intelectuais buscavam esclarecer o estado da arte da política no país, cogitavam sobre modos de agir dos diferentes segmentos da sociedade, e tinham a intenção de induzir e ajustar seu movimento.

ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da Sociologia, da História, da Economia, e da política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira, visando a elaboração de instrumentos teóricos que permitiriam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional²⁹⁹. De acordo com Toledo, a compreensão crítica da realidade brasileira por parte dos intelectuais do ISEB, tratava-se, de uma precisa e determinada ideologia, que diziam quase unanimemente, exigida pela nação a fim de tomar consciência de seu subdesenvolvimento e lutar pela superação desse estágio, mediante um esforço desenvolvimentista". (TOLEDO, 1978, p. 18)

Na aula inaugural, do Curso Regular, do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, pronunciada em 14 de maio de 1956 no auditório do Ministério de Educação e Cultura (MEC), o filósofo Álvaro Vieira Pinto, havia deixado claro que, era necessário criar um novo modelo de educação a fim de conduzir o processo de desenvolvimento nacional, tratava-se de uma "representação da realidade brasileira",

Neste momento em que a comunidade brasileira atinge o limiar da consciência nacional, caracterizada por inédita representação de sua realidade, e se dispõe a projetar e empreender o desenvolvimento dos recursos materiais, que a deve conduzir a outro estágio de existência, torna-se indispensável criar novo conceito de educação como parte essencial daquele projeto, e condição do seu complexo êxito. (PINTO, 1960, p.43)

Vanilda Paiva, analisando a notoriedade dos intelectuais do ISEB na educação, aponta para grande importância da estratégia Isebiana, pois seu voto era essencial para a realização de suas propostas política e econômico-social, e conduzi-las à razão era levá-las a ver a justeza das teses Isebianas, ou seja, realizaria um trabalho de "clarificação ideológica". Ainda de acordo com Paiva, "Pretender fazer valer a razão, alcançar o consenso nacional e colocar o Estado a serviço do desenvolvimento nacional-capitalista implicava reconhecer como central a questão da educação e da organização ideológica das massas". (PAIVA, 2000, p. 163)

O desenvolvimento nacional é um processo, isso significa que não podemos compreender o desenvolvimento nacional como movimento histórico casual, indeterminado, imprevisto e correndo desordenadamente. Os intelectuais do ISEB estavam imersos em seu tempo, e por isso, representavam as problemáticas

²⁹⁹O decreto 37.608, criado no governo Café Filho, em 14 de julho de 1955, criava o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, vinculado ao MEC (Ministério da Educação e Cultura).

políticas da década de 1950, período de grandes debates acerca do progresso da nação. Esses intelectuais, tais como Werneck Sodré, Álvaro Pinto, entre outros grandes nomes que compunham o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, eram "sujeitos da ação", intelectuais engajados, que representavam, entre outros, o subdesenvolvimento brasileiro, procurando assim identificar saídas para o progresso do país. E uma das saídas encontradas por esses intelectuais, nos dizeres de Alvaro Pinto, era "criar um novo modelo de homem"(PINTO, 1960, p.44)

O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB): "Geração de Intelectuais"

Entre os historiadores franceses mais comprometidos com a elaboração de uma metodologia adequada para o estudo dos intelectuais, destaca-se Jean-François Sirinelli, que procura situar a história dos intelectuais no cruzamento das histórias política, social e cultural. De acordo com Sirinelli, para o papel dos intelectuais, seria preciso estabelecer um terceiro nível, uma observação baseada na circulação e no *dégradé* entre ideologias, cultura política e "mentalidades coletivas" (SIRINELLI, 2003, p. 262) A questão da relação entre o intelectual e a política conduz, portanto, á reflexão sobre a responsabilidade social do intelectual e á necessidade de identificação da cultura política desse intelectual.

Os intelectuais são aqueles que se dedicam a uma certa tarefa de intervenção política ou social, agindo como um produtor e transmissor de idéias, representando opiniões, visões de mundo de uma determinada época e de uma sociedade específica. Os Isebianos, por sua vez, são intelectuais por terem participado de grupos de discussões historiográficas e políticas, pelas ministrações dos cursos regulares no interior do MEC, por manifestar-se quanto aos rumos desenvolvimentistas do Brasil de seu época, através de jornais e revistas, e principalmente por terem pensado em um "modelo de homem" para o desenvolvimento da nação.

As posições sociais ocupadas pelos intelectuais nos séculos XIX e XX, bem como suas habilidades retóricas propiciaram a esses personagens a condição privilegiada de atuar diretamente na produção de sua própria representação social. Essa geração de intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros(ISEB) foi, provavelmente, responsável pelo desenvolvimento de um pensamento novo em sua

época que, correlacionava a realidade brasileira com a universal, visando, através de suas aulas, ministradas no interior do MEC, inserir as massas no discurso desenvolvimentista da nação. Para Sirinelli, é preciso, contudo, ir a diante e levar em consideração os efeitos da idade e os fenômenos de geração (SIRINELLI, 2003, p.254).

No meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais. Um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como pródigo, quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, além disso, e por essa razão, o esclarecimento dos efeitos da idade e dos fenômenos de geração no meio intelectual vai além do procedimento apenas descritivo ou taxinômico. Por certo, destaca Sirinelli, que as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se, por definição, á gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. (SIRINELLI, 2003, p.255).

Uma geração extrai uma bagagem genética em seus primeiros anos, e dessas, uma memória coletiva. O conceito de memória coletiva é crucial, já que trata de preservar a história de um grupo, de uma etnia, e no caso dos isebianos históricos, através de uma geração de intelectuais, seja através de suas ministrações no interior do Ministério de Educação e Cultura (MEC), seja através da rica produção intelectual deixada por esses professores, acabou por ser responsável por manter viva a história do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Jacques Le Goff, enfatizando a importância do papel da memória para gerações futuras, ressalta: "A memória como propriedade de preservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças ás quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". (LE GOFF, 1990, p.366).

A geração de intelectuais da década de 1950, e principalmente a partir do ano de 1955, de acordo com Daniel Pécaut, estavam seguras de ter vocação para desempenhar, como categoria social específica, um papel decisivo nas mudanças políticas (PÉCAUT, 1990, pag. 103), porém, muito mais ainda que seus predecessores, reivindicavam o título de *intelligentsia*, pois, a partir de então, inclinam-se decididamente para o povo e não duvidam dos poderes da ideologia. A

identificação com uma *intelligentsia* adquire, a seus olhos, implicações que, dessa vez, estão em linha direta com a tradição russa e, tudo que pretendiam os pensadores do ISEB era formular o "sentimento nas massas".

Essa geração do ISEB estava decidida a ser plenamente ideólogos. Com o termo ideologia, que então conhece uma voga excepcional, não pretendiam referir-se a uma representação deformada do real, mas sim a uma força que possibilitasse a sua transformação. Para Pécaut, os Isebianos assumiram explicitamente a tarefa de inventar a ideologia que iria presidir a "revolução brasileira". (PÉCAUT, 1990, p. 104) com isso, descobriram mais uma razão para se identificar com uma intelectualidade de estilo russo, e nem o poder nem as diversas frações sociais contestavam sua posição.

Como bem demonstrou Alzira Alves de Abreu, a função desse instituto foi o coroamento de várias iniciativas por parte de intelectuais desejosos de contribuir para a definição de um projeto coerente de desenvolvimento econômico, político e social (ABREU, 1975, p. 303). Era portanto um núcleo de intelectuais dispendo de um estatuto oficial e convidados pelo próprio poder senão para intervir diretamente na gestão política econômica, pelo menos para participar da construção da nova legitimidade, colocando-se a serviço da criação da síntese nacional-desenvolvimentista, ressaltando-lhes o alcance político e social.

Segundo Pécaut, o fantástico destaque dos intelectuais do ISEB se deve ao fato de que, intervindo em nome do poder ou do povo, manifestava o sentimento de onipotência de uma intelectualidade que sentia vocação para conduzir a transição para um Brasil "senhor de seus destinos". (PÉCAUT, 1990, pag. 114) Os intelectuais do ISEB não só chegaram a fazer reconhecer o alcance do processo de modernização como também, pela exaltação dos poderes da ideologia, estavam em ressonância com uma opinião pública constituída em torno de representações segundo as quais a sociedade fala a linguagem do Estado e este, a linguagem da sociedade. Nesse aspecto o ISEB foi uma condensação.

Os intelectuais Isebianos não estavam em uma torre de marfim, eles estavam imersos no vasto movimento nacionalista que percorreu o Brasil. A história não se dá fora de seu tempo, afinal, só podemos respirar o ar de nosso tempo e, esses

intelectuais estavam imersos no Brasil de sua época, engajados nas representações política, social e cultural, os isebianos também não estavam acima das disputas, mesmo quando falavam em nome de toda a nação, estavam presos às cisões que dividiam tanto as elites quanto as classes médias brasileiras, e não há dúvidas de que se situavam ao lado das "forças progressistas", sendo assim percebidos tanto pelos seus aliados como por seus adversários.

Romper com os traços colonialistas presente na década de 1950 era uma das principais missões dos intelectuais do ISEB, e o termo Ruptura era muito empregado por essa geração de intelectuais para designar o que estava em via de se desenrolar no Brasil. Evocando a formação de uma "consciência autêntica", diz Álvaro Pinto: "É a aurora de uma nova fase histórica, a descoberta pelo país do seu verdadeiro ser" (PINTO, 1960, pag. 30), Roland Corbisier, por sua vez, afirma: "A tomada de consciência de um país por ele próprio é um fenômeno histórico que implica e assinala a ruptura do complexo colonial" (CORBISIER, 1960, pag. 41). Não é por acaso que a noção de "ruptura" se encontra associada á de "consciência", já que a passagem à consciência autêntica era a própria expressão da ruptura para os isebianos.

A "intelligentsia brasileira" como ficou conhecidos isebianos históricos pensavam em um Brasil desenvolvido, em um novo "modelo de homem". Era a manifestação de um pensamento novo, sem nenhum tipo de dependentismo, com uma política autônoma, e um Estado que falasse a linguagem do povo e vise versa. mais como isso seria possível? Pécaut descreve: "Assim, o desenvolvimento e a exaltação da ideologia nascem sob o signo de uma política própria à economia, juntas, formam o pedestal sobre o qual a intelectualidade alardeava a sua preeminência" (PÉCAUT, 1990, p. 137). Infere-se, como hipótese a ser trabalhada, que o "novo modelo de homem" para os intelectuais do ISEB é o próprio Brasil desenvolvido, com cidadãos providos de consciência política (isso se daria através dos cursos no interior do instituto) imersos nas problemáticas do seu país, pensando ao lado do Estado os rumos do progresso.

Álvaro Pinto concebia o desenvolvimento como igualdade das condições de existência humana, melhoria das condições de vida, abolição das condições intoleráveis em que vivia grande parte dos homens. O desenvolvimento implicava a

existência de uma consciência social, isto é, a comunidade, em dado momento de sua evolução, deveria perceber a necessidade imperiosa de solucionar seus problemas, era essencial um esforço coletivo para a formulação do projeto de desenvolvimento e, este deveria significar uma qualificação dos bens e serviços oferecidos a comunidade.

As Representações do Subdesenvolvimento como Projeto de Educação

Na aula inaugural do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ministrada pelo professor de filosofia Álvaro Vieira Pinto, ficava claro o projeto isebiano de educação para o desenvolvimento do país de sua época, cuja a educação das massas seria de grande importância na estratégia isebiana. Se não vejamos: "Pretender fazer valer a razão, alcançar o consenso nacional e colocar o Estado a serviço do desenvolvimento nacional implicava reconhecer como central a questão da educação e da organização ideológica das massas" (PINTO, 1956, p.43). Para os intelectuais do ISEB, as massas deveriam cooperar voluntária e conscientemente para o desenvolvimento, em trabalho educativo que promovesse "o progresso da ideologia na consciência nacional" muito, poderia fazer para a superação do subdesenvolvimento.

O ISEB dispunha de uma modesta verba, concedida pelo Ministério da Educação, com a qual dava atendimento a suas principais atividades, como aluguel da sede do Instituto, e mantinha-se um fundo para publicações de suas obras. As atividades do ISEB consistiam, então, em cursos anuais, de Ciência Política ministrada pelo professor Hélio Jaguaribe, de Economia (Ewaldo Correia Lima), de Sociologia (Guerreiro Ramos), de História (Candido Mendes e o Professor Werneck Sodré) e de Filosofia (Álvaro Vieira Pinto). Os alunos eram, predominantemente indicados por instituições públicas e acadêmicas, sendo admitidas inscrições individuais, e mantinha-se, igualmente, um ciclo anual de conferências sobre problemas brasileiros, ao passo que se procedia à publicação de livros de autoria de membros do ISEB.

Os intelectuais do ISEB sofreram grande influência do Sociólogo Húngaro Karl

Mannheim³⁰⁰ (1893-1947). Para Paiva tanto para Mannheim quanto para Paulo Freire, a reforma da educação e a reforma da sociedade andavam de braços dados, como parte de um mesmo processo em que deviam refazer as instituições sociais e o comportamento dos indivíduos, num ajustamento contínuo a novas situações. (PAIVA, 2000, p.146)O desenvolvimento era interpretado pelos isebianos, basicamente, como processo de mudança que possibilitava a democratização, que por sua vez funcionava como motor de novas transformações, ao passo que propiciava a formação de "um tipo de homem" que conscientemente contribuiria para o processo de desenvolvimento.

Os isebianos históricos, como ficaram conhecidos os intelectuais mais recorrentes do Instituto, intelectualmente formavam um grupo bastante heterogêneo, não só por suas especializações profissionais, mais também por suas orientações teóricas, e não seguiam uma linhagem teórica única. Álvaro Pinto fez toda a sua carreira como professor de Filosofia, lecionando na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro (atualmente UFRJ) até passar a lecionar no ISEB, onde ministrava seus cursos tendo como aporte teórico Hegel. Já Candido Mendes era dono da Faculdade que leva seu nome e incluía-se entre os pensadores católicos. Roland Corbisier era considerado um "enigma intelectual", por não ter ligações específicas com nenhum departamento, Werneck Sodré ficava a frente do Curso de História do Brasil, e não escondia sua filiação marxista. Guerreiro Ramos sempre foi professor, enquanto Hélio Jaguaribe foi professor e advogado, e negava, assim como Guerreiro, a aceitação ao marxismo.

Os cursos regulares ministrados no interior do MEC, incluía aulas, seminários, trabalhos de grupos e conferências, e tinham a duração de um ano letivo, e ao final do curso, os alunos tinha que apresentar uma *tese* para lograr certificação. O curso era dado a duas categorias de alunos: estagiários de tempo integral e estagiários de tempo parcial. A categoria de estagiários de tempo integral era constituída por representantes de instituições ligadas ao governo, nos seus diferentes níveis, bem como para federação de trabalhadores, e de empresários, alguns sindicatos e

³⁰⁰ Karl Mannheim denunciou a existência de uma relação entre as formas de conhecimento e a estrutura social e tentou resolver o problema daquilo a que chamou "as implicações relativistas da sociologia do conhecimento", apontando soluções para o princípio que postula que, se todas as crenças podem ser socialmente localizadas, é impossível qualquer critério de verdade socialmente independente.

também organizações estudantis faziam parte dos cursos ofertados pelo ISEB. De acordo com o Relatório Sucinto das Atividades do Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB³⁰¹, do período de 1956 a 1960 foram ministradas um total de 1452 aulas e 332 seminários, das quais se destacou a disciplina de Filosofia como a mais lecionada dentro dos quatro anos apontados pelo relatório, por conseguinte tendo o professor Álvaro Pinto sido o profissional mais presente em sala de aula.

O Relatório também destaca a relação dos grandes temas de pesquisa ministrados pelos professores no período de 1956 a 1960, e aponta, por exemplo, os temas mais recorrentes da disciplina de História no interior do Instituto nesse período. Se não vejamos: *História da população, Formação da consciência burguesa, Formação da consciência rural, História da classe média, História dos partidos políticos, A vida moral no Império, O progresso técnico e suas repercussões na cultura nacional*, foram às pesquisas de História apontadas pelo relatório. Os demais temas e disciplinas ministradas pelos professores, tais como as teses defendidas pelos alunos, bem como seminários e conferências realizados pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros encontram-se no Relatório citado neste texto.

Para Vanilda Paiva o ideal de criar consciência nas massas a partir dos cursos ministrados pelos Intelectuais do ISEB marcaram de maneira profunda o ideário de "educação libertadora" vista em Paulo Freire. "Freire não apenas aceita os ideais sociais e políticos defendidos pelos isebianos, mas também a sua interpretação da realidade brasileira" (PAIVA, 2000, p. 160). Muitos dos ideais de Freire foram filtrados pela produção intelectual isebiana, ou pela leitura direta daqueles autores, já que até meados da década de 60, percebe-se uma preocupação central de Freire acerca do desenvolvimento nacional.

Se tomarmos a tese apresentada em 1959, na qual Freire reafirma constantemente a sua concordância com a ideologia isebiana, encontramos a defesa clara de uma posição diretiva. As massas, afirmava ele citando Vieira Pinto, precisavam cooperar voluntária e conscientemente para o desenvolvimento, se tal não ocorresse de nada valeria a promoção do desenvolvimento pelo poder Público (PAIVA, 2000, p. 163). Em *Educação como Prática da Liberdade*, o que temos é uma reelaboração

³⁰¹“Relatório Sucinto das Atividades do ISEB, de janeiro de 1956 a novembro de 1960”, Biblioteca Nacional: Seção de Manuscritos: Arquivo INL (Instituto Nacional do Livro): (52, 30, 49).

superficial de sua tese, de modo que muitos pensamentos da prática pedagógica de Freire, havia, sido herdadas do grande fervor intelectual dos anos 50, principalmente advindas da "Fabrica de Ideologias" (TOLEDO, 1979) que fora o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Conclusão

O que havia de mais positivo na postura intelectual do ISEB era sua inserção no Brasil, sua preocupação não só de entender o país, mas também de formular um "modelo" para seu presente e futuro. Enquanto muitos cursos da área de ciências humanas dedicavam-se a ensinar e estudar teorias "importadas e até usá-las como base de pesquisas empírica na década de 50, o ISEB estava preocupado em construir instrumentos teóricos e metodológicos para interpretar o Brasil e nele atuar praticamente. Pensando em um novo modelo de homem" (Brasil desenvolvido), esses intelectuais se engajaram no Brasil de sua época, assumindo a responsabilidade de uma *intelligentsia*, que pensava no povo brasileiro como agente de transformação da nação.

O modelo de desenvolvimento que os isebianos históricos pensavam era algo novo, sem *dependentismo*, guiado pelas massas, face ao Estado e a ferramenta principal seria seus cursos ministrados no interior do Instituto. A institucionalização do ISEB marcou o surgimento de uma instituição percebida, e que era percebida pela sociedade, como um órgão de natureza educativa. Mesmo não tendo se constituído e se configurando como uma Universidade, o ISEB se colocava atributos de uma Universidade, o que se evidencia no desenvolvimento de um ensino definido como sendo de nível pós-universitário.

Infere-se, a partir do Relatório de Atividades do ISEB, que o modelo de educação isebiana, era de suma importância para a circulação de representações do subdesenvolvimento, já que as pesquisas, teses defendidas pelos alunos do curso, conferências, entre outras atividades descritas no relatório nos esclarece que essas atividades tinham como finalidade a compreensão crítica da realidade brasileira, seja no cruzamento Povo/Estado, ou no cruzamento Política/Cultura. Esse artigo é parte de uma pesquisa em andamento, e por se tratar de uma investigação em curso, algumas questões serão levantadas durante as pesquisas, aprofundando temáticas

e criando hipóteses na medida que novas problemáticas forem surgindo, afinal os problemas são de suma importância para a pesquisa histórica, e podem mudar os rumos dos caminhos a percorrer.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Alzira, Alves de & BELOCH, Israel (orgs.), (1984). **Dicionário histórico - Biográfico Brasileiro 1930 - 1983** (2º vol). Rio de Janeiro: Forense universitária /FGV/CPDOC/ Finep (Verbete: Instituto Superior de Estudos Brasileiros [ISEB]).

ABREU, Alzira, (1975). **Nacionalismeetaction politique auBrésil: une étudesurl'ISEB.**

ALVES, Alzira de Abreu: **Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb)**. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Nacionalismo e reformismo Radical (1945 – 1964). As Esquerdas no Brasil. vol. 2.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da Questão Nacional.** Rio de Janeiro Contraponto, 2000.

BOBBIO, Alfredo, (1995). **Os Intelectuais e o Poder:** São Paulo, Edunesp.

CARDOSO, Ciro Flamarion, (1891). **Uma Introdução á história.** São Paulo; Ed. Brasiliense.

CARVALHO, Jose M. de: **Cidadania no Brasil, o longo caminho.** Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2001

CORBISIER, Roland. (1950). **Consciência e Nação.** São Paulo; colégio

DEBRUN, Michael (1959). **Ideologia e Realidade.** ISEB; MEC

Decreto Lei no. 37.608 de 14 de julho de 1955, que "**Institui no Ministério da Educação e Cultura um curso de altos estudos sociais e políticos, denominado Instituto Superior de Estudos Brasileiros**", dispõe sobre seu funcionamento e dá outras providências.

DELGADO, Lucilia Neves de Almeida: **"Nacionalismo como projeto de nação": a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)**. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). Nacionalismo e reformismo Radical (1945 – 1964). **As Esquerdas no Brasil. vol. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FREIRE, Paulo, (1983). **Educação Como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FURTADO, Celso (1985). **Perspectivas da Economia Brasileira**. ISEB; MEC

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Nacionalismo e reformismo Radical (1945 – 1964). As Esquerdas no Brasil. vol. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GELLNER, Ernest. **O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe**. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da Questão Nacional** ; introdução Benedikt Anderson ; tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro : Contraponto, 2000.

_____, (1958). **O nacionalismo na atualidade brasileira**. ISEB; MEC.

JAGUARIBE, Hélio (1957). **A Filosofia do Brasil**. ISEB; MEC.

LEITE, Juçara, Luzia/ ALVES, Claudia. **Intelectuais e história da educação no Brasil: poder, cultura e política**. - Vitória : EDUFES, 2011.

Le Goff, Jacques, 1924, **História e Memória** - Campinas, SP, Editora da UNICAMP. 1990.

PAIVA, Vanilda Pereira: **Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista**. São Paulo: Graal, 2000.

PÉCAUT, Daniel, **Os Intelectuais e a Política no Brasil**: "Entre o Povo e a Nação". Ed, Ática, 1990.

RAMOS, Alberto Guerreiro, (1956). **A problemática da realidade brasileira**. In: MEC/ ISEB. **Introdução aos Problemas Brasileiros**. Rio de Janeiro, MEC/ ISEB.

SODRÉ, Nelson Werneck (1957). **O Tratado de Mathuem**. ISEB; MEC.

SIRINELLI, J-F.Os Intelectuais. In: Rémond, R. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

TEIXEIRA, Anísio, (1968). **Uma perspectiva da Educação Superior no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. no 50 (111), p. 21-82

TOLEDO, Caio Navarro de (org): **Intelectuais e Política no Brasil; a experiência do Iseb**.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: Fábrica de Ideologias**. 2. ed, São Paulo, Ática, 1978.